OS ALFABETIZANDOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO DE RETORNO PRESENCIAL

Juliane Gomes de Oliveira[1]

Simone de Assis Costa[2]

Eixo temático 5: Alfabetização e educação de jovens, adultos e idosos

Resumo: Este artigo tem como objetivo relatar as percepções dos educandos de duas turmas de alfabetização de jovens e adultos, de uma escola pública situada na cidade de Belo Horizonte/MG. Os relatos dizem respeito ao momento de retorno presencial após o distanciamento social em sindemia de COVID-19. A análise dos relatos tomou como base os estudos de Bakhtin, Volóchinov, Freire, além de pesquisas recentes sobre o atual quadro da educação no Brasil. São observados nos relatos dos educandos o abalo da percepção de pertencimento de grupo, a importância do vínculo entre alfabetizadora e alfabetizando, a dificuldade de adaptação à rotina escolar, e interrupção e enfraquecimento no processo de aprendizagem e do vínculo escolar. Ao encarar essa realidade disfuncional, ocorrida pelo distanciamento social e ensino remoto, notamos um cenário propício ao aumento do abandono escolar temporário e frequência oscilante, vivido na rotina escolar na educação de jovens e adultos.

Palavras-chave: Alfabetização de Jovens e Adultos; Retorno Presencial; Pandemia de Covid-19; Ensino e aprendizagem.

[1] Doutorado em educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora alfabetizadora da Prefeitura de Belo Horizonte. Contato: julianegomesoliveira16@gmail.com

[2] Mestrado em educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora pedagógica na educação básica e na educação de jovens e adultos da Prefeitura de Belo Horizonte. Contato: simoneassiscosta@gmail.com

OS ALFABETIZANDOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO DE RETORNO PRESENCIAL

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19, que ocorreu entre os anos de 2020 e 2023, é definida por Veiga-Neto (2020, p. 4) como uma sindemia, uma vez que é a combinação potencializada de problemas que se situam nos âmbitos sanitário, sociocultural e ambiental. Apesar da etimologia da palavra "pandemia" dizer: todo o povo, sabemos que ela tem alvos privilegiados. E foi dessa forma que a tentativa de implementação das aulas online escancarou as desigualdades sociais graves que já são realidade no cotidiano da população mais vulnerável, fazendo com que o ensino remoto fosse um grande desafio para os profissionais da educação pública.

A desigualdade brasileira no ensino irá piorar após a pandemia, afetando mais ainda quem já estava em desvantagem econômica e social antes da crise sanitária. Este foi um dos aspectos analisados em estudo publicado no segundo trimestre de 2021 pelo IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Nesse contexto de crise econômica, social e educacional, este artigo tem como objetivo relatar a experiência de duas docentes da EJA na comunicação e vivência com 20 (vinte) alfabetizandos de duas turmas, sendo uma turma que funciona no espaço da escola e uma turma externa[3] da modalidade de ensino. Buscamos levantar as percepções, sentimentos e as consequências da pandemia para sua realidade enquanto sujeito político (ser de poder), epistemológico (ser de saber) e afetivo (indivíduo e ser social) (FREIRE, 2008).

Os relatos trazem as dificuldades encontradas na aprendizagem escolar durante os retorno presencial na pandemia, bem como os sentimentos vivenciados, as inseguranças e aprendizados alcançados. Embora o grupo participante seja pequeno, se comparado ao número de professores e estudantes na rede municipal de Belo Horizonte, os dados são significativos para a escola deste relato, pois revelam a realidade dos estudantes e contribuem para dar direção ao trabalho das alfabetizadoras, responsáveis pelo processo inicial de ensino e aprendizagem da escrita. Esperamos também que nosso relato possa ser uma interlocução com professores em realidades semelhantes.

[3] A turma externa da EJA funciona no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), localizado na região Centro-Sul de Belo Horizonte. O CRAS oferta o Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias e outros serviços e programas, como a Academia da Cidade e a EJA. Implantado em 2009, tem espaço físico e estrutura adequada à realização dos serviços e ações das diversas áreas (política, social e educacional).

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Sobre a instituição de ensino pesquisada, para facilitar a exposição no presente artigo, escolhemos o nome fictício de “Escola da Vila”. Ela está localizada em uma das Vilas do Aglomerado da Serra, regional Centro Sul da cidade de Belo Horizonte/MG. De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2015), a comunidade na qual a Escola está inserida pode ser considerada como uma área de vulnerabilidade social. Além disso, há um alto Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) no quesito Renda e Trabalho. As turmas da EJA funcionam no espaço escolar desde o ano de 2008, no período da noite, e possui, atualmente, duas turmas de alfabetização. A turma externa EJA-CRAS funciona no espaço desde 2014 durante o período da manhã. É nomeada como turma externa e pertence ao quadro da EJA da escola. Tem cerca de 20 estudantes em diversos níveis de aprendizagem do ensino fundamental na modalidade da EJA.

As turmas de alfabetização da pesquisa, nos anos de 2021 e 2022, receberam como contribuição, entre outras coisas, a criação de estratégias de busca ativa para captação dos matriculados e novas matrículas no local, a socialização das estratégias de ensino-aprendizagem e o acompanhamento constante dos educandos. Em outubro de 2021, o ensino presencial voltou a funcionar nas turmas da EJA, e em fevereiro de 2022, retornamos com o calendário escolar totalmente presencial na escola sede e na turma do CRAS.

Em nossa experiência coletiva com a busca ativa e o contato com os educandos, buscamos problematizar o que eles dizem sobre as mudanças estabelecidas pelo novo contexto social e educacional e quais dificuldades encontram para o retorno e permanência na escola.

Com o retorno do ensino presencial, observamos que os educandos apresentavam certa dificuldade para frequentar as aulas. No início do ano letivo, alguns demonstravam insegurança em relação a sua saúde, outros manifestavam certa desmotivação para retomar as atividades presenciais e outros com dificuldades financeiras que comprometiam sua frequência e envolvimento com os estudos. Buscamos, nesse caminho, acolher suas demandas e realizar um movimento de escuta ativa para compreender como ocorreria o retorno presencial após a vivência profunda e desgastante da pandemia do Covid-19.

Nossa defesa é que, ao entendermos como os alfabetizandos vivenciam suas situações de retomada aos estudos e como visualizam seu processo de aprendizagem, perceberemos elementos importantes para a garantia da alfabetização de jovens e adultos e da EJA como direitos educacionais no Brasil pandêmico e pós-pandemia.

METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO

O *corpus* do nosso trabalho foi composto de análises dos diálogos estabelecidos entre os alfabetizandos e docentes da EJA após o retorno das aulas presenciais. Os pressupostos teórico-metodológicos que adotamos para a realização desta investigação se alinham no paradigma da pesquisa qualitativa de cunho interpretativista, buscando fundamentação, principalmente, no pensamento de Freire (2008), Soares (2016) e Bakhtin (1992).

Para este estudo, selecionamos os diálogos firmados por 11 estudantes de 2 turmas de alfabetização da EJA de uma escola municipal de Belo Horizonte/MG. Os relatos foram registrados a partir de constantes conversas entre professoras e estudantes e pelas observações vividas na experiência em sala de aula. Os diálogos foram trocados entre os meses de maio a outubro de 2022. Essas conversas ficaram registradas, predominantemente, por conversas gravadas entre professora e educandos e pela observação e diálogos estabelecidos em sala aula, com anotações posteriormente registradas pelas docentes.

Os relatos apresentam as demandas pessoais dos estudantes, com falas que expressavam seus sentimentos e experiências vividas a partir da reclusão e ruptura do seu processo de aprendizagem presencial e o desafio do retorno e manutenção da permanência às aulas após o período de isolamento. Considerando que esse material é um acervo profícuo para investigações sobre os efeitos da pandemia na alfabetização da EJA, solicitamos a autorização dos envolvidos para uso em pesquisas, resguardando sua confidencialidade.

RESULTADOS PARCIAIS

Nesta seção, vamos expor uma seleção de recortes de conversas ocorridas entre nós, professoras, e os alunos durante o período de retorno presencial das aulas da Educação de Jovens e Adultos. Como resultados parciais da pesquisa em questão, selecionamos alguns discursos que demonstram as interações vivenciadas entre professora/aluno(a) e entre os próprios alfabetizandos.

Vivenciamos algumas falas que demonstram as interações experimentadas entre os colegas, e os vínculos estabelecidos entre alfabetizando e professora durante o período de isolamento e após o retorno presencial. Quando perguntados sobre sua vida e as mudanças ocorridas nesse período pandêmico, os estudantes demonstraram apreensão quanto seu ritmo de estudo, quebra no processo de aprendizagem e sua perspectiva futura, além de uma sensação de estagnação e regressão nesse seu processo decorrente do tempo de paralisação das aulas presenciais.

Também percebemos, nas falas dos alunos, a valorização da necessidade de interação presencial com a professora na realização dos comandos de atividades, apoiada na familiaridade com o fazer docente vivido no ensino presencial diário e na importância da interação para a leitura e escrita.

> *Eu senti falta de ouvir a explicação da professora, de ensinar como fazer, onde colocar a letra e dizer se está certo ou errado.* (Conceição).

> *Para mim, ficou um pouco mais difícil o período de pandemia, tudo que eu aprendi na escola, eu esqueci quase tudo. Esqueci muito. Muita coisa. (...) Eu também fiquei doente. Agora que estou voltando temos mais explicação de você, não é, professora? Vou devagarinho.* (Salvador).

Acreditamos, nesse sentido, que interações estabelecidas entre professora e alunos são um caminho para a manutenção de vínculos, além das relações de fortalecimento de amizade entre os pares, afinal, "*para ser um ato de conhecimento, o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo*" (FREIRE, 2019, p. 40).

Notamos, também, que os estudantes demonstram uma reflexão sobre a construção de seu processo de aprendizagem. Eles sentiram o efeito da ausência da rotina escolar, e até mesmo certo retrocesso. São aspectos que comprovam como a aprendizagem é um processo contínuo, que necessita de uma regularidade para que o estudante se sinta seguro e perceba que está evoluindo em relação ao desenvolvimento da leitura e escrita (SOARES, 2016). Veja as falas do aluno Gilson e da aluna Nair:

> *Minha cabeça não ficou tão boa não. Depois que a gente voltou, professora, minha cabeça não está tão boa não. Até meu nome agora eu ando errando. (Gilson).*

> *Depois da pandemia a melhor coisa que eu fiz foi voltar a estudar. Gosto demais de você, professora, e dos meus colegas de sala. Gosto também da "queimadinha" (risos),* (merenda escolar). (Nair)

Pelas conversas e relatos pessoais dos estudantes, observamos que eles trazem também o papel social que a escola ocupa em suas vidas. Muitos falaram sobre a importância da professora e seu papel para o desenvolvimento da aprendizagem e a escola se apresenta como lugar de encontro, de relações, de socialização. Assim como Freire (2008) afirmava, a alfabetização não é apenas um lugar de conhecimento científico e escolarizado, mas também um lugar de formação humana, social, histórica e cultural. Para o autor, a alfabetização é um ato de conhecimento propulsor de (re)construções para o mundo adulto.

> A alfabetização de adultos, enquanto ato político e ato de conhecimento, comprometido com o processo de aprendizagem da escrita e da leitura da palavra, simultaneamente,

> com a leitura e a reescrita da realidade, e a pós- alfabetização, enquanto continuidade aprofundada do mesmo ato de conhecimento, iniciado na alfabetização, de um lado, são expressões da reconstrução nacional em marcha, de outros, práticas impulsionadoras da reconstrução (FREIRE, 2008, p. 19).

Freire, com a sua ação consciente sobre o trabalho de alfabetização de adultos, manteve sempre clara sua posição de que a alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Para ele, a alfabetização é o domínio dessas técnicas em termos conscientes e, nesse caminho, o alfabetizando vivencia as funções reais da escrita em nossa sociedade, para que seu aprendizado sirva como instrumento de luta na conquista de sua cidadania (MACIEL, 2014). O educador é visto como um "provocador" que desafia os estudantes, afinal, *"somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também de gerá-lo"* (FREIRE, 2008, p. 115).

O fato de o aluno ser ouvido, escutado, acolhido pelo professor ou por outro colega, por si só, estabelece um processo eminentemente dialógico (VOLÓCHINOV, 2017). O educando constrói um lugar de ser ouvido e respondido, e isso, por sua vez, gera efeitos para que ele se sinta pertencente ao grupo que constituiu anteriormente ao isolamento social, ou seja, para que sinta saudades da socialização em sala.

Muitos desafios relacionados à frequência e motivação dos estudos também foram observados. Com a volta presencial, muitos estudantes apresentaram mudanças na rotina de trabalho, tais como: horários diversificados, complementação de renda e ajuda a familiares para justificar a frequência oscilante, a dificuldade de permanência, faltas, atrasos e até mesmo o abandono parcial:

> *Acho que vou deixar para voltar o ano que vem, tá professora? Esse ano já está acabando mesmo… (Balbina)*
>
> *Esse ano vou tentar voltar, mas ando com tanta coisa na cabeça, não vai dar pra estudar quase nada. (Carmelina)*
>
> *Eu falto muito, professora, porque tenho que olhar criança, levar para a escola, para depois vir. Por isso chego atrasada. Mas, não tem jeito não, professora, o dinheiro está curto.* (Nair).
>
> *Agora não posso retornar porque minha irmã está internada e eu preciso ficar com ela no hospital. (Mônica)*
>
> *Meu horário de trabalho mudou, eu chego em casa muito tarde e fica difícil de ir pra escola. (Lucilei)*

De fato, percebemos uma dificuldade em manter o ritmo anteriormente estabelecido da rotina escolar, com a presença em aulas diárias e organização dos tempos escolares. No retorno presencial, o então desafio já presente na EJA, em mantermos uma frequência

satisfatória que não comprometesse o desenvolvimento da aprendizagem, se mostrou ainda mais acentuado e um dificultador no processo de alfabetização com os estudantes jovens, adultos e idosos. Além disso, foi possível perceber uma queda acentuada no número de matrículas durante o ano, se comparado a anos anteriores. O Censo escolar apontou uma queda nas matrículas na Educação de Jovens e Adultos, no ensino fundamental, de 9,67% e 1,43% nos anos de 2020 e 2021, respectivamente. Em 2022, tivemos uma redução de mais de 187 mil alunos matriculados na modalidade (Censo Escolar 2022). Será necessária mais pesquisas para identificarmos as causas de forma segura, mas é possível identificar que a pandemia produziu uma quebra significativa na rotina escolar dessas pessoas, trazendo dificuldades de diversas naturezas que impedem ou desmotivam o retorno às salas de aula. É verdade que a trajetória escolar dos alunos da EJA sempre foi marcada por interrupções, mesmo antes do período de isolamento social, entretanto a pandemia agravou esse quadro e agora, serão necessárias políticas públicas que priorizem o acesso e a permanência desses alunos, na busca pela garantia do direito à educação, tão necessária à formação dos sujeitos.

CONCLUSÃO

Não podemos negar que muitos desafios foram impostos no contexto da educação no período pandêmico com o ensino remoto, e novos desafios estão sendo vividos atualmente com o retorno ao ensino presencial na educação de jovens e adultos.

Os resultados parciais da análise das conversas ocorridas com os alfabetizandos da EJA apontaram a necessidade de garantir os vínculos constantes entre alfabetizador e alfabetizando, a escuta e a manutenção das relações já estabelecidas, para que os educandos se sintam acolhidos e tenham maior autonomia e motivação para dar continuidade ao seu processo de escolarização, com envolvimento e constância necessárias para a aprendizagem. Essas foram as percepções vivenciadas pelas docentes e que aconteceram por meses no contexto do ensino presencial, em suas experiências nas turmas de alfabetização de jovens e adultos.

Podemos inferir, pela percepção do cenário atual de nosso país, que a EJA continua tendo uma posição marginal frente às medidas públicas de garantia de direitos à educação. Como educadoras nessa situação, vemos o cenário favorável para o aumento do abandono escolar temporário e a possível ampliação do analfabetismo funcional em decorrência da pandemia (IBGE, 2021).

Em tais situações, como a que vivemos hoje, é preciso que se instaure um processo de atendimento que possa garantir a continuidade dos estudos e as condições básicas e necessárias para que os alunos não abandonem os sistemas formais de ensino e continuem

no seu processo de aprendizagem com segurança e qualidade. Confiamos que, para que uma política mais consistente, estruturada e integrada promova retornos mais bem sucedidos com os sujeitos da EJA, é importante que haja um maior investimento dos governos, com maior escuta dos gestores locais, para que as necessidades básicas de acesso e manutenção das comunicações sejam garantidas a todos os estudantes. Outro aspecto relevante seria os vínculos e a distribuição de responsabilidades entre os governos e as organizações sociais para obter maior alcance e gerar mudanças mais rápidas e ágeis na mobilização e na organização dos meios educativos, de modo a garantir novas adesões e manutenção dos vínculos já existentes, para aqueles que possuem urgência e necessidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Resumo Técnico: **Censo Escolar da Educação Básica 2022**. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se complementam. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 68. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios** - PNAD Contínua. 2020. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=o-que-e. Acesso em: 20 set. 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. COSTA, Marco Aurélio; MARGUTI, Bárbara Oliveira (ed.) **Atlas da vulnerabilidade social nas regiões metropolitanas brasileiras**. Brasília: IPEA, 2015. Disponível em: http://ivs.ipea.gov.br/images/publicacoes/Ivs/publicacao_atlas_ivs.pdf Acesso em: 24 maio 2021.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. **Proposta de Paulo Freire para a alfabetização**. *Glossário Ceale*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2014.

Veiga-Neto, Alfredo. **Mais uma Lição**: sindemia covídica e educação. Educação & Realidade [online]. 2020, v. 45, n. 4 [Acessado 10 Fevereiro 2022] , e109337. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-6236109337>. Epub 11 Jan 2021. ISSN 2175-6236. https://doi.org/10.1590/2175-6236109337.

SOARES, Magda. **Alfabetização:** a questão dos métodos. Belo Horizonte: Contexto, 2016.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.